

DESEJO E PRAZER: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO PÓS-MODERNO

*Elogio ao pudor – em defesa de certo mistério*¹

Ruggero Levy²

Introdução

Trago de início um sonho de um paciente adolescente de 16 anos:

Estou no jogo do GTA. Penso: que legal, aqui posso fazer tudo que eu quiser. Eu entrava no meu carro, ele já estava sem porta e todo batido das outras aventuras. Saía andando e via na rua três mulheres. Resolvia que ia “atolar” elas. Eu chegava na primeira, por trás, beijava o pescoço dela, mas ela se virava puta da cara e reagia me agredindo. Eu chegava na segunda, passava a mão na bunda dela e ela ficava puta também. Daí eu já estava no carro delas. As duas primeiras na frente e eu com a terceira atrás. Começava a “bater” prá ela, ela não queria, mas deixava. Mas lá pelas tantas ela levantava, ficava de pé, dizia que ia gozar e mijava em cima de mim. Eu não chegava a achar ruim. Mas daí eu me masturbava e quando ia gozar, gozava na cara dela. Pensava, “bem feito, sua puta”.

Daí eu saía do carro levando o celular dela, só prá incomodar. Ela vinha atrás, queria de volta, mas eu entrava no meu carro e fugia, só de sacanagem. Como era no jogo, ela corria na velocidade do carro, do lado da porta, mas o celular estava do outro lado e ela não tinha como pegar. Eu ficava rindo. Mas quando fui fazer uma curva o celular escorregou e vi que ia cair. Pensei que merda, ela vai pegar. Daí eu disse: “pega esse celular de merda, eu nem queria ele...” Mas quando ele caía do carro, ele explodia. Eu achava maravilhoso, porque ela ficava com uma cara de taxó.

Eu saía do carro delas e saía caminhando pela rua no meio de um monte de gente. Elas vinham atrás de mim gritando para me pegarem que eu era um sacana, mas ninguém fazia nada, eu ficava rindo e pensando que era assim porque eu podia fazer tudo no jogo.

Guardem o sonho em mente, pois será comentado mais tarde.

Para iniciar esta reflexão gostaria de citar André Green (1990) quando diz que devemos entender o psiquismo como uma formação intermediária no diálogo entre o corpo e o mundo. Isso, porque esse diálogo é brutal, porque a luz do mundo é ofuscante e as exigências do corpo são tirânicas e se não tivéssemos essa formação amortecedora dos

¹ Trabalho apresentado no painel *Desejo e prazer: a construção do sujeito pós-moderno* na Jornada do Cinquentenário da SPRS, em 27 de junho de 2009.

² Psicanalista, Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

*choques que é constituída pelo psiquismo, consciente e inconsciente, estaríamos ainda num estágio pré-hominiano*³. Ou seja, o sujeito constitui-se nesse diálogo entre o corpo e o mundo, na inter-relação pulsão/objeto/cultura. Devemos pensar com Cassirer quando este diz que o homem não deveria chamar-se "*animale rationale*", mas sim "*animale symbolocum*"⁴. Porque o homem é um ser essencialmente simbólico e essa formação intermediária chamada psiquismo resulta das transformações simbólicas das nossas pulsões, desejos e emoções.

O foco do meu trabalho está no seguinte: se os processos simbólicos são afetados, toda a subjetividade do sujeito também o será.

Estamos em 2009, como está o desejo humano no mundo contemporâneo depois de tantas mudanças na cultura? E a clínica psicanalítica contemporânea? E o sujeito contemporâneo?

Quanto ao subtítulo, *Elogio ao pudor – em defesa de certo mistério*, por favor, não se escandalizem. Não estou defendendo neste trabalho um retorno a uma moral sexual retrógrada, anterior à revolução sexual de 1968. Estou propondo uma reflexão sobre os tempos atuais, utilizando diversos referenciais, para chegar a uma compreensão psicanalítica do impacto desta realidade sobre o funcionamento mental do sujeito contemporâneo. Parte do título – *Um elogio ao pudor* – é inspirada em Alain Finkielkraut, filósofo francês que analisa aquilo que ele denomina a *Nova desordem amorosa* (Lancelin, 2008). Em edição recente a revista *Nouvel Observateur* (Lancelin, 2008) dedicou-se a estudar o que seria a nova sexualidade dos franceses, baseando-se numa vasta pesquisa realizada na França, que constatou o que hoje também observamos no Brasil:

- A generalização da contracepção;
- O direito ao prazer;
- A explosão do casal como estrutura estável;
- A emancipação feminina;
- O reconhecimento da homossexualidade;
- E a banalização da pornografia.

Estas são constatações fenomenológicas que precisamos entender do ponto de vista metapsicológico. Para entender o fenômeno contemporâneo, além da compreensão das mudanças culturais e da revolução na moral sexual, precisamos agregar entendimento das conseqüências no avanço científico e tecnológico numa velocidade sem precedentes na história da humanidade.

A ciência, a partir da segunda metade do século XX, cria novos paradigmas que revolucionam o cenário do pensamento científico e da cultura. A nova tecnologia informática, do ponto de vista sociológico (Bauman, 2000), criou fatos geradores de uma insegurança e

³ Green, A (1990), p.59.

⁴ Cassirer, E. (1950), p. 50.

um sentimento de precariedade totalmente novo. Mas do ponto de vista do processo de subjetivação também criou novos fenômenos no terreno da simbolização (Levy, 2000). A estes me refiro na segunda parte do título, *Em defesa de certo mistério necessário à simbolização*, inspirado em Meltzer (1988). Pois, na importante contribuição a respeito do conflito estético ressalta a importância da inacessibilidade ao interior do objeto como um poderoso estímulo à imaginação. O enigma do interior necessitando ser construído pela imaginação criativa.

Fica lançada a questão se com o excesso de estímulo à sensorialidade pela cultura da imagem, à perda dos limites entre o público e o privado e a exposição excessiva à nudez, à sexualidade equacionada com a pornografia, haveria um comprometimento da imaginação criativa e, portanto, da subjetividade humana? E será que isso conduz a perturbações no âmbito do desejo e do prazer? À guisa de adiantamento, pretendo desenvolver a idéia de que a cultura atual promove perturbações nos processos simbólicos que conduzem a prejuízos na construção da subjetividade.

Mas, proponho que pensemos o tema da seguinte forma: em todas as épocas, encontraremos forças culturais promotoras de processos simbólicos, ou seja, da expansão da mente; e outras que conduzem à estagnação do crescimento psíquico e, por vezes, ao empobrecimento simbólico, ou até mesmo ao comprometimento da função simbólica, constituindo forças "desmentalizadoras" que propiciam, conseqüentemente, as passagens ao ato.

A psicanálise, o desejo e o prazer

O grande salto teórico dado por Freud (1905) foi compreender que a sexualidade humana, a partir de seu 'apoio' sobre as pulsões de auto-preservação, adquire sua própria autonomia. Assim, zonas originalmente destinadas a satisfazer funções vitais adquirem uma erogeneidade que a partir de então buscará suas próprias formas de prazer e de satisfação. Sobre a representação destas experiências primitivas de satisfação irá constituir-se o desejo sexual que buscará incessantemente a sua satisfação. O desejo, então, é essencialmente uma moção psíquica (Laplanche, 1982) que dará o sentido da busca objetual (Kristeva, 1993) e da fantasia inconsciente. A força dinâmica da pulsão, transformada em desejo, irá em busca do objeto original jamais reencontrado. Assim, articula-se o corporal e o psíquico.

Mas é sobre o recalque, ou seja, a partir da constituição de substitutivos simbólicos do objeto desejado e da possibilidade de adiamento da satisfação imediata, que se estruturará o inconsciente e o pré-consciente com sua extensa rede simbólica. Essa pressão constante, vinda do interior, em boas condições de simbolização, transformar-se-á constantemente, ampliando a mente infinitamente. Esta rede simbólica é nosso psiquismo e nossa vida psíquica.

Green (1990) esclarece que o sistema de representações mentais que constituem nosso psiquismo, nossa *vida psíquica*, e duplamente estimulado: do interior, pelas

transmutações do desejo acima descritas; e do exterior, pela excitação que é provocada sobre sistema pré-consciente/inconsciente. Bion e Meltzer estudaram o quanto o encontro/desencontro com o objeto funciona como poderoso estímulo à criação e ampliação de nossa vida mental. O grande salto teórico das contribuições bionianas, desenvolvidas por Meltzer, foi formular que a presença do objeto desperta um desejo em especial, o desejo de conhecer. Bion (1962) elevou o desejo de conhecer quase ao status de pulsão.

Em sua teoria sobre o pensar, estabeleceu que, movida pelo desejo de conhecer, a mente possui uma função simbolizadora permanente que procura criar para si representações simbólicas, versões, das experiências emocionais com as quais é confrontada. Talvez, além de falarmos em desejo, poderíamos falar em emoções que estão no âmago da experiência do sujeito. Claro que as emoções são acionadas pelo desejo, mas também pelo impacto estético da beleza e do mistério do objeto externo como descreveu Meltzer em *A apreensão do belo* (1988). Evidencia-se o quanto a vida psíquica, a mente, constrói-se a partir de um vínculo subjetivo entre sujeito e objeto e que o centro desta busca é a experiência emocional do sujeito ou o seu desejo, se preferirmos.

Meltzer (1988) também enfatizou a importância da presença do objeto no desenvolvimento da mente e da simbolização. Seguindo a Bion e compreendendo que a capacidade criativa ocorre como consequência das experiências emocionais decorrentes do encontro com o objeto, discrimina dois tipos de relações em que a vida humana é vivida: aquelas em que ocorrem experiências emocionais de outras, destituídas dela. Diferenciará duas áreas da experiência humana. Há uma área da vida e do desenvolvimento que é desmentalizada e que se assemelha aos estímulos recebidos pelos filhotes de animais, aonde o que predomina é o aprendizado através do treinamento, da mímica e do condicionamento. Esta seria a área marcada pela presença dos signos e das convenções, mais do que pelos símbolos propriamente ditos. É uma área essencial para sobreviver, similar ao que Winnicott descreveu como o falso *self*. Mas espera-se que no ser humano desenvolva-se uma área em que se estabeleçam relações íntimas carregadas de experiências emocionais e que se possa aprender a respeito delas através do pensar para que, a partir disto, a imaginação construa uma imagem do mundo (Meltzer, 1988).

Na discussão sobre o sujeito e seu desejo, é impossível não incluir as contribuições seminais de Winnicott. Na teoria de Winnicott o bebê tem um desejo e a boa mãe, num estado por ele chamado de preocupação materna primária, apresenta e coloca o objeto do desejo na hora e no local apropriado. Ao fazer isso, realiza a onipotência do bebê e dá-lhe sentido, fazendo com que o verdadeiro *self* ganhe vida. É através da força e da presença da mãe que o verdadeiro *self* ganha vida. A mãe que não é boa fica centrada no seu desejo, coloca o seu gesto no lugar do gesto do bebê e este, para sobreviver, submete-se a ele, dando lugar ao falso *self* como patologia do caráter.

Assim, o falso seria submeter-se a um desejo que não é o seu e adotá-lo como seu. Seria quando a relação com um objeto insuficientemente bom - ou a cultura - aliena o sujeito

do seu desejo, de suas emoções. Quero destacar para o objetivo deste trabalho que o *self* verdadeiro só adquire realidade viva pela presença do outro que lhe reconhece o desejo. Novamente, isso interessa-nos, pois veremos posteriormente o quanto nossa cultura poderá conduzir o sujeito à alienação de seu próprio desejo, seja pelas perturbações nos vínculos humanos e familiares que temos observado, ou por um excesso de estímulos poderosos que imprimem comportamentos sobre o sujeito.

Antes de seguir, gostaria de introduzir algumas idéias de Bion (1962) quanto à possibilidade de fruir a experiência de satisfação, pois isso conduz à idéia poder existir prazer sem satisfação. Kristeva (1993) fala disso quando diz que o homem contemporâneo quando não está deprimido, *empolga-se com objetos menores e desvalorizados, num prazer perverso que não conhece a satisfação*⁵. Mas voltando à Bion. No capítulo V do *Aprender com a experiência*, Bion diz que há situações em que o bebê por temor a determinadas emoções (p. ex., ódio, inveja, gratidão, etc.), sua ou dos outros, recusa-se a beber o leite que o seio lhe oferece. No entanto o bebê dá-se conta que assim morrerá. De acordo com Bion, o bebê, por temor à morte, retoma a sucção a partir de uma profunda dissociação em sua mente. Passa a ingerir o leite para não morrer, entretanto essa experiência de satisfação material, corporal, fica dissociada da satisfação psíquica. Segundo ele o bebê resolve o problema através da destruição da função α .

Segue Bion: *Este splitting... ... produz um estado mental em que o paciente persegue vorazmente toda a forma de comodidade material; é, ao mesmo tempo, insaciável e implacável em sua busca de saciedade. Como este estado tem sua origem em uma necessidade de libertar-se das complicações emocionais que implicam o captar a vida e uma relação com objetos vivos, o paciente parece incapaz de gratidão ou interesse em si mesmo ou nos demais.*⁶ (tradução livre do texto em espanhol).

O que Bion está descrevendo é da maior relevância. Descreve uma situação em que por temor a algumas emoções, há um ataque à função α , ou seja, a experiência emocional de satisfação não pode ser transformada em elementos α , pensamentos oníricos e então compreendida através do ganho de significado a partir de sua mentalização, de sua inserção no retículo α . Em *Cogitations*⁷, Bion retoma o assunto, dizendo que quando há deficiência da função α o paciente até pode ter um consciente, mas não pode *tornar-se* consciente de determinadas experiências emocionais, por não poder *digeri-las*. Estas experiências ficam como *fatos não digeridos* prestando-se apenas para evacuação através da tela β .

Ou seja, quando há uma perturbação dos processos simbólicos, seja pelo motivo que for, apesar da saciedade material ou corporal, o sujeito permanece insaciável do ponto de vista mental. Cria-se uma impossibilidade de sentir uma experiência de satisfação psíquica e

⁵ Kristeva, J (1993): p. 14.

⁶Bion, W. (1962b), p. 30-1.

⁷ Bion, W. (1992): p. 222.

a insatisfação, o ódio, ficam como coisas em si mesmas, elementos β que se prestam apenas para serem evacuados. Os objetos do paciente tornam-se receptáculos de sua insatisfação.

Atacada a função α , responsável pelos processos de simbolização, experiências da vida ficam desmentalizadas (Meltzer, 1986), no sistema protomental, em que a vida fica limitada a um funcionamento operatório, quase maquinal, robótico, e o sujeito incapaz de apreender e fruir o significado emocional de sua experiência. É nisso que reside a importância do entendimento de que o fracasso ou o prejuízo nos processos simbólicos condena à impossibilidade de satisfação e, portanto, à atuação compulsiva.

Voltando à origem da psicanálise, ela criou-se sobre a compreensão das vicissitudes do desejo. Freud compreendeu que o sintoma neurótico estabelece-se a partir do recalque e revolucionou a sua época desafiando a cultura da repressão.

Mas a sexualidade humana modifica-se e se metamorfoseia constantemente através dos tempos e da cultura. A pulsão como sua força e dinâmica busca seus caminhos, a cada tempo, para satisfazer-se. Ora a cultura atual pouco tem a ver com aquela da Europa Ocidental do início do século passado. Como se insere, então, a sexualidade, o desejo, o prazer e a psicanálise na atualidade?

Cultura da incerteza ou do simulacro

Diversos autores têm destacado um novo mal estar presente na cultura atual (Bauman, 1997; 2000; Cahn, 1997; Moreno, 2004; Eizirik, 2004; Menezes, 2004; Kristeva, 2002). Um sentimento prevalente, apontado por vários autores, tem sido o de *precariedade*. Bauman (2000) afirma que *a precariedade hoje está por tudo*. Precariedade, vulnerabilidade e instabilidade resumem a contemporaneidade, em contraste com a estabilidade, previsibilidade e consistência como meta possível da modernidade, cultura na qual Freud estava inserido. Os teóricos franceses falam de *precarité*, os italianos de *incertezza*, os ingleses de *insecurity*. Todos estes conceitos tentam apreender o fenômeno da falta de garantias e de instabilidade da vida contemporânea.

Quero adiantar que - mesmo que prossiga analisando algumas características da cultura contemporânea - não devemos idealizar a modernidade, pois com sua estabilidade e busca de estruturas rígidas também criou 'mal estares' como Freud magistralmente estudou em 1930. O repúdio ao sexual do século XIX, início do século XX, gerou as grandes neuroses estudadas por Freud, com tudo que representam em termos obstáculo ao crescimento mental e, ao fazer isso, Freud desafiou e enfrentou a cultura da repressão. Talvez eu já possa adiantar que o repúdio ao simbólico na cultura dos dias atuais é grande desafio da psicanálise, hoje.

Mas retornando ao nosso contexto cultural. A precariedade de que falávamos. O avanço da tecnologia sem precedentes na história da humanidade criou novas ilusões. A insegurança no longo prazo faz a satisfação instantânea parecer um bom negócio, mas na verdade é a grande armadilha. Tudo na vida tem que ser no *aqui e agora*. O adiamento da

satisfação do desejo perdeu o seu fascínio. A intolerância à frustração impera. Ora, sabemos o quanto o adiamento da satisfação do desejo é importante para o desenvolvimento dos processos simbólicos e, conseqüentemente, da aprendizagem. É no espaço entre o desejo e a sua realização que se cria o pensamento. Esta entronização da gratificação imediata, do presente, aonde a historização e o adiamento ao futuro cedem seu espaço, certamente afeta o desenvolvimento da imaginação criativa e a conseqüente ampliação do espaço mental necessário à inscrição dos conflitos no território do mental e à sua elaboração. Este, na minha opinião, é um dos fatores da contemporaneidade a afetar os processos simbólicos, constituindo-se, portanto, em um não favorecimento da inserção, transmutação ou resolução dos conflitos ligados ao desejo no âmbito do psíquico. Isso, sem falar da quase abolição da latência na contemporaneidade (Guignard, 2005), sendo este o momento em que são construídas redes simbólicas essenciais a todo o desenvolvimento posterior.

O caráter fugaz das modas e dos objetos de consumo cria uma visão do mundo como um *contêiner cheio de objetos descartáveis, para uma só utilização – o mundo inteiro, inclusive os seres humanos* (Bauman, 2000; p.186)! O laço humano torna-se como qualquer outro objeto de consumo, algo que se espera uma satisfação imediata, instantânea e que se rejeita se não satisfizer, criando-se uma transitoriedade e instabilidade nos vínculos, gerando um novo mal estar na cultura diverso do de Freud, advindo da repressão sexual (Bauman, 1997).

À fluidez das relações soma-se a substituição dos vínculos humanos pelos virtuais em que sujeitos, adolescentes ou não, isolados, solitários, refugiam-se em relações virtuais ou em relações que poderíamos chamar de narcisistas ou utilitárias: o outro interessa enquanto satisfaz minha necessidade.

Se considerarmos como Meltzer que é nas relações íntimas, carregadas de paixão, que se criam as experiências emocionais e se acreditamos que são estas que estimulam a mente à simbolização e à sua ampliação, ao crescimento, então devemos admitir que a imersão do sujeito em um mundo maquinal o introduz num universo em que predominam os signos, enquanto linguagem mecânica a ser dominada. Assim, parece-me que o mergulho profundo no mundo virtual constitui-se em mais um elemento da contemporaneidade a comprometer o processo de subjetivação. Além de favorecer contatos de cunho narcisista – como falava antes – é uma banalização e uma acessibilidade inaudita ao mundo da perversão. Da mesma forma, neste mergulho no mundo dos objetos virtuais não temos a presença do objeto, com seu olhar e sua subjetividade a dar realidade à subjetividade do sujeito, como preconizava Winnicott.

A atividade anti-imaginativa da cultura da imagem mencionada por Baudrillard (1999) impõe-se fortemente no terreno da sexualidade na atualidade, me parece. O jovem não precisa mais sequer imaginar o objeto do desejo para masturbar-se. A um clique, simulacros hiperreais estão no seu quarto. Objetos porno-eróticos em profusão à disposição. Ou colegas

expondo-se em webcams. É abolido limite entre o público e o privado; entre o erótico e o pornográfico; e, finalmente, a imaginação sucumbe.

Nesse sentido estou de acordo com Menezes (2004) quando afirma que numa época *sem nenhuma repressão sexual, com uma oferta irrestrita de sexo, vemos que o sexual sucumbe*⁸. Ou seja, o psicosexual originário do inconsciente fruto de transmutações do desejo, sucumbe a um sexual imposto pela cultura do consumo, veiculado pelas “celebridades” dos *‘reality show’*. Seria um simulacro de sexualidade. Esse é o império do falso self em que o sujeito é movido por um desejo que não é o seu. Adapta-se a uma sexualidade “como se” a exemplo de outros objetos da moda que devem ser adotados.

Kristeva (1993) dirá que o homem contemporâneo não dispõe nem do tempo nem do espaço para constituir a alma, o mental, e o sexual que não passar pela elaboração simbólica transforma-se em prazer sem satisfação. Pura descarga condenada à compulsão aditiva pela impossibilidade de satisfação do desejo no terreno do mental, muito menos à sua elaboração como veremos no caso clínico a seguir.

Mas para seguir, gostar de citar Meltzer (1978) quando diz que sofremos uma guinada da hipocrisia da era Vitoriana para a hipocrisia da decadência. O ambiente cultural que antes favorecia a formação de sintomas no âmbito do conflito sexual agora favorece a consolidação da perversão no caráter. A cultura, muitas vezes, oferece caminhos perversos a conflitos que antes eram construídos, sofridos e elaborados – ou não – no plano simbólico. A passagem ao ato é entronizada como solução ao sofrimento psíquico.

Outro fator a pressionar no sentido da “desmentalização” através da destruição do significado da experiência emocional é a pressão no sentido da medicalização da emoção (Rocha Barros, 2003). Os médicos – e, por extensão, os psicanalistas – estão pressionados a eliminar qualquer emoção um pouco fora de protocolos estabelecidos pelos laboratórios farmacêuticos, independente de seu significado. A dor psíquica e o sofrimento mental precisam ser eliminados assim que possível (Rocha Barros, 2003). Entendo que este estímulo à evacuação da dor psíquica conduz não apenas à medicalização da emoção, mas também ao uso massivo de drogas lícitas e ilícitas – a peste da pós-modernidade – e também à sexualidade compulsiva, seja ela promíscua ou não. A banalização da perversão, o estímulo à eliminação da dor psíquica e à passagem ao ato impele, muitas vezes, a ‘solução’ de conflitos através da criação de cenas sexuais perversas. Esse comportamento aditivo é estimulado pela cultura e o que passa a ser almejado é a euforia e a anestesia psíquica (Ahumada, 2003). Como bem destaca Rocha Barros (2003), a euforia torna-se o modelo da ‘felicidade’. Encontramo-nos, assim, no território do prazer sem satisfação, sem saciedade. Na medida em que não se inscreve no psíquico como uma experiência de satisfação, cria-se a necessidade compulsiva do objeto do prazer (a droga, o consumo material, ou o sexo como droga)

⁸ Menezes, L.C. (2004): p. 79.

Esta é a cultura do simulacro: a euforia equacionada com a felicidade; o 'ter' equacionado com o 'ser'; o fetiche e a droga equacionados com o objeto; a anestesia psíquica equacionada com a tranqüilidade.

Comentários finais ou em defesa do mistério

Evidentemente que, na medida em que vivemos em diversas micro-culturas, todo o espectro de pacientes poderá visitar nosso consultório, desde os quadros neuróticos habituais; aqueles em que a patologia se expressa na conduta e no corpo por insuficiências dos processos de simbolização; e também com o que poderíamos chamar de neo-soluções à conflitiva sexual baseadas na adoção de caminhos oferecidos pela cultura, pautados pela atuação, pelo narcisismo e pela perversão.

Retornando ao sonho do paciente, eu descrevi este material porque ilustra parte do ambiente cultural em que vivemos. O tipo de "solução" oferecida pela cultura frente à frustração: a *freeland* apregoada pelo videogame é o lugar em que a liberdade é equacionada com a falta de limites; em que a subjetividade do outro com suas dores e desejos não interessa; e onde se pode dar vazão ao seu desejo de modo onipotente, na hora e do modo em que se queira. No sonho este mundo de prazeres pré-genitais é simbolizado oniricamente. Mas, infelizmente, muitas vezes ele é atuado sem a mediação do simbólico e sim com a mediação das drogas, lícitas ou ilícitas. As *raves* talvez sejam a materialização deste mundo. É buscada uma desmentalização que possibilite o acting deste universo narcísico de colorido perverso. Evidentemente que este paciente apresentava uma psicopatologia pessoal que incluía uma dificuldade na construção de sua identidade masculina advinda de uma identificação com um pai frágil envolvido numa relação parental em que a mãe era sentida como fálica. Isso foi exaustivamente analisado nos múltiplos vértices possíveis: no seu temor e evitação das mulheres; nas suas fantasias e impotência; nas suas relações com o grupo de pares, onde inicialmente se submetia masoquisticamente aos amigos; na transferência onde ora me sentia como uma espécie de "analista/falo" que tudo sabia e tudo podia; e ora como alguém a ser martirizado.

Entretanto, muito mais do que discutir o caso deste paciente, eu quis ilustrar o quanto a confusão adolescente do meu paciente em que, uma cisão inadequada (Meltzer, 2008) da sexualidade, defensiva, onde a masculinidade era equacionada com a violência, encontrava formas de se expressar em fortalecer por elementos oferecidos pela cultura. Especialmente com adolescentes, justamente por estarem reconstruindo seu sistema de representações, sua subjetividade, a influencia cultural é muito mais acentuada, pois oferece, enfatiza ou incentiva determinadas formas de expressão da sexualidade.

Estou de acordo com Rocha Barros (2003) que nesse terreno das 'novas formas de sexualidade' a psicanálise também sofre grandes pressões, pois a linha divisória entre o normal e o que ainda achamos patológico fica borrada e não aceitarmos como normais determinadas condutas sexuais parece ser uma posição preconceituosa e ideológica, logo

inaceitável. *O analista é pressionado a não utilizar seu espírito investigador em relação a determinadas transgressões sexuais e a considerá-las como normais. Corremos, então, o risco de perdermos a oportunidade de discriminarmos entre o que poderia ser uma simples opção sexual, de um uso patológico da sexualidade, transformada em perversão de caráter, se sucumbirmos à pressão ideológica*⁹. Evidentemente, a possibilidade de sucumbirmos a essas pressões é maior, quanto mais perdemos a crença no arsenal teórico-técnico da psicanálise.

Esta insuficiência nos processos simbólicos a que me referi ao longo do trabalho tem tido várias conseqüências. Primeiro, como já expus, a dificuldade de registro no psíquico da experiência de satisfação conduz a um gozo sem saciedade, à reiteração da descarga pulsional de modo compulsivo. De outro lado, Ahumada (2003) destaca que este comprometimento da capacidade de representar faz com que conteúdos psíquicos primitivos não elaborados aflorem mais e mais à superfície. O acting out, a violência, as condutas autodestrutivas, o sexual invadido pelo destrutivo está muito presente. Este prejuízo nos processos simbólicos conduz seguidamente a um processo de subjetivação inacabado. O quê, por sua vez, empurra em direção às patologias narcisistas que atingem a conduta e o corpo (delinqüência, anorexias, bulimias, drogas, etc.). As defesas narcísicas procuram solucionar a insuficiência de elaboração psíquica (Cahn, 1999).

Isso traz implicações diretas à técnica psicanalítica. Além de suportar a pressão cultural para eliminar de imediato qualquer sofrimento psíquico, a mente do analista passa a ter uma importância quase decisiva, pois muitas vezes será preciso um trabalho enorme de rêverie para criar mentalizações a partir de sensações e emoções brutas trazidas pelos pacientes. O desenvolvimento do espaço mental através do estabelecimento de uma relação íntima na análise torna-se a prioridade e um desafio, pois vai na maré contrária às pressões da cultura do narcisismo. Finkielkraut (1988) define bem que vivemos na cultura das sensações e do *feeling* em contraposição à palavra. Pois nossa meta é transformar sensações em símbolos, pensamentos e depois em palavras, uma vez que sensações são apenas para serem sentidas, vividas ou atuadas.

O crescimento mental só é possível através da transformação simbólica da emoção vivida numa relação íntima e nesse sentido temos que compreender todo este entorno em que estamos inseridos. As dificuldades em estabelecer laços humanos profundos e também os prejuízos na constituição da subjetividade pelas falhas simbólicas. Os desafios que nos são colocados, vão desde o vazio representacional até o que eu chamaria de pensamentos/próteses ou condutas/próteses. Pseudopensamentos ou condutas enxertadas da cultura que são usados como próteses para preencher vazios simbólicos ou colocados em lugar do processo de elaboração psíquica.

⁹ Rocha Barros, E. M. da (2003): p.5.

Penso como o Prof. Donaldo Schüller quando diz que a psicanálise é o relicário da palavra. Esta é a revolução que a psicanálise precisa fazer no alvorecer do século XXI, lutar para que prevaleça o renascimento do interesse por pensar e significar no calor de relações humanas pautadas pela paixão (Meltzer, 1986). Então, se Freud desafiou e enfrentou a cultura da repressão com o seu repúdio ao sexual, na cultura de hoje devemos desafiar e enfrentar o rechaço ao simbólico. Esse é o grande desafio da psicanálise, hoje. Penso que toda a área de atividade preocupada com o psiquismo humano tem esta responsabilidade de ser o relicário do simbólico. E para isso o mistério do interior do objeto, a não intrusividade, o respeito aos limites, é essencial. Felizmente não estamos sós nesta tarefa. Há inúmeras outras áreas da cultura e da ciência que promovem um incremento na capacidade de abstração, no desenvolvimento da mente humana. Dou como exemplo, para encerrar, um pensamento do filósofo francês Alain Finkielkraut (2008). Diz ele que o pudor não é apenas um moralismo arcaico, mas um atributo ontológico da mulher. A sexualidade feminina implica na existência de algo oculto, a ser desvelado, ou construído pela imaginação, algum mistério. O despudor excessivo, o excesso de luz e exposição apaga a luz da imaginação. Por isso, o elogio ao pudor e a defesa de certo mistério.

Bibliografia

- Ahumada, J.(2003): "O inconsciente na pós-modernidade: as tensões epistêmicas". *Revista de Psicanálise da SPPA*. Vol. X - Nº 3, Dezembro/2003.
- Bauman, Z. (1997): *O Mal-estar na pós-modernidade*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.Vol. XII - Nº 1 – Abril/2005.
- Bauman, Z. (2000): *Modernidade Líquida*. Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2001.
- Bion, W. (1962b): *Aprendiendo de la Experiencia*. Editorial Paidós, México, 1991.
- Bion, W. (1992): *Cogitations*, Karnac Books, Londres, 1992.
- Cahn, R. (1999): *O adolescente na psicanálise – a aventura da subjetivação*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- Cassirer, E. (1944): *Ensaio Sobre o Homem*. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 1997.
- Eizirik, C. - (2004): "Sexualidade e pós-modernidade". *Revista de psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*. Vol. XI - Nº 1- Abril de 2004, p. 87.
- Ferro, A. (1997): *Na sala de análise*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1998.
- Freud, S. (1905): "Três Ensaio Sobre uma Teoria da Sexualidade." ESB, Imago Editora, 1969-80, Vol. VII.
- Freud, S. (1930): "Mal Estar na Civilização". ESB, Imago Editora, 1969-80, Vol. XXI.

- Green, A. (1990): *Conferências brasileiras – Metapsicologia dos limites*. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1990.
- Guignard, F. (2005): "Psicanálise e sexualidade hoje". *Revista de psicanálise da SPPA*, Vol. XII, Agosto/2005.
- Kristeva, J. (2005): "Sublimação e cultura: o impudor de enunciar e a língua materna" *Revista de psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*.
- Kristeva, J. (1993): *As novas doenças da alma*. Editora Rocco, Rio de Janeiro 2002.
- Lancelin, A. (2008) : « Eloge de la pudeur ». IN: *Le nouvel Observateur*, mars de 2008.
- Laplanche, J. (1982): *Vocabulário de Psicanálise/Laplanche e Pontalis; sob a direção de Daniel Lagache* - São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Levy, R. (2000): "Do símbolo à simbolização: uma revisão da evolução teoria e as repercussões sobre a técnica psicanalítica." Trabalho para Membro Efetivo, apresentado na SPPA em janeiro de 2000.
- Menezes, L. C. - (2004): "Sexualidade e pós-modernidade". *Revista de psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*. Vol. XI - Nº 1- Abril de 2004, p. 79.
- Prigogine, I.(1996): "O fim da ciência?" IN: *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Org. Dora Fried Schnitman. Artmed, Porto Alegre, 1996.
- Meltzer, D. (1973): *Os Estados Sexuais da Mente*. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1979.
- Meltzer, D. (1978): *The Kleinian Development part 1*. Pertshire: Clunie Press.
- Meltzer, D. et al (1986): *Metapsicologia Ampliada - aplicações clínicas dos conceitos de Bion*. Spatia Editorial, Buenos Aires, 1990.
- Meltzer, D. (1988): *A Apreensão do Belo*. Imago Editora. Rio de Janeiro, 1995.
- Meltzer, D. (1998): *Adolescentes*. Buenos Aires: Spatia Editorial.
- Moreno, J. (2004): "Sexualidade e pós-modernidade". *Revista de psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*. Vol. XI - Nº 1- Abril de 2004, p. 69.
- Rocha Barros, E.M. da (2003)
- Winnicott, D. W. (1960): "Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso self". IN: *O ambiente e os processos de maturação*. Editora Artes Médicas. Porto Alegre, 1982.

Resumo:

O autor propõe neste artigo o análise da subjetividade atual, partindo da cultura da imagem, a perda dos limites entre o público e o privado e a banalização da pornografia. Pensa que a cultura atual promove perturbações nos processos simbólicos. O sujeito não chega à uma experiência de satisfação porque não pode transformar o cru da cultura da imagem e da velocidade num pensamento: ele não desenvolve nem uma imaginação criativa

nem um processo simbólico. O sexual que não passar pela elaboração simbólica transforma-se em prazer sem satisfação, pura descarga condenada à compulsão aditiva pela impossibilidade de satisfação do desejo no terreno do mental.

Palavras-chave: experiência de satisfação, sexualidade, processo de simbolização, cultura da imagem, subjetividade humana.